

OS TRÊS MOMENTOS PEDAGÓGICOS COMO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A VIDA NO CAMPO

Marisa Cordeiro dos Santos¹

Néli Suzana de Britto²

Resumo

O presente trabalho é um relato reflexivo sobre o estágio docente curricular no curso de Licenciatura em Educação do Campo – formação na Área de Ciências da Natureza e Matemática da UFSC, o qual foi realizado em uma escola do campo no município de Canoinhas/SC, cujo desafio foi desenvolver uma prática educativa nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática, com o intuito de realizar um aprendizado que fosse além da sala de aula, o ponto de partida foi uma problemática que emergiu do diálogo com a comunidade escolar. Buscamos uma forma diferenciada de abordar conhecimentos matemáticos e das ciências da natureza, como um modo de dialogar e refletir sobre outras possibilidades de trabalho no campo, sob os princípios de sustentabilidade e renda. O tema das aulas foi “A renda das comunidades e suas possibilidades de inovação”, foram trabalhados os conteúdos programáticos porcentagem e regra de três simples em Matemática; e reino fungi e reino monera em Ciências da Natureza. São apresentadas reflexões sobre o contexto social e econômico da vida no campo da comunidade em foco, favorecendo o diálogo entre a realidade e os conhecimentos escolares. O referencial teórico que balizou as escolhas e a própria realização do estágio foram autores que tem uma perspectiva emancipatória para o processo formativo dos sujeitos, são eles Freire (2011), Delizoicov; Angotti; Pernambuco; (2011). Tais autores ajudam a compreender o ensino pautado pela realidade vivida pelos estudantes, de forma coletiva e principalmente trabalhando questões que vão para além do ensino de uma listagem fragmentada e descontextualizada de conteúdos, por meio de organizadores do processo educativo: os três Momentos Pedagógicos.

Palavras chave: Momentos Pedagógicos; Formação e prática docente; Educação no Campo.

Introdução

Este trabalho traz o relato de experiência de estágio ocorrido no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Formação na Área Ciências da Natureza e Matemática na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o qual está pautado por períodos de alternância denominados: Tempo Universidade e Tempo Comunidade. Durante o Tempo Universidade, ocorrem as aulas ministradas pelo conjunto de

¹ Graduanda de Licenciatura em Educação do Campo/UFSC/CED- marihsanthos@hotmail.com

² Doutora em educação e Professora da Licenciatura em Educação do Campo /UFSC/MEN - nelisb3@hotmail.com

professores do curso na universidade. Enquanto no Tempo Comunidade, há pesquisa de campo e inserção nas escolas nos municípios de origem dos estudantes, diversificando-se as atividades como ouvinte, observador, pesquisador-participante ou como estagiário nas áreas das Ciências da Natureza e Matemática. O estágio foi realizado com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, na Escola Básica Municipal Maria Izabel de Lima Cubas, localizada na comunidade de Rio d`Areia do Meio, interior do município de Canoinhas/SC. A escolha dessa escola como campo de estágio está relacionada com o fato que moro nessa região e estudei nessa escola, onde, volto agora na condição de estudante de Educação do Campo com a intenção de dialogar e estudar questões relacionadas a esta realidade.

O objetivo do estágio docência foi efetivar uma prática docente que contemplasse a realidade, ou seja, uma proposta que buscou realizar uma formação que não fosse de forma isolada, mas sim, trabalhada por meio de questões provocadoras aos educandos e assim geradoras de uma apropriação de forma dialogada e problematizadora visando realizar uma formação escolar crítica para reconhecimento da condição e lugar ocupado dentro da sociedade e as possibilidades de transformação.

Com o intuito de realizar um aprendizado que fosse além da sala de aula e dos muros da escola, as práticas pedagógicas tiveram como principal fonte teórica Freire (2011), Delizoicov; Angotti; Pernambuco; (2011). Tais autores ajudam a compreender que o ensino deve ser pensado de acordo com a realidade vivida pelos estudantes, de forma coletiva e principalmente trabalhando questões que vão além daquelas apresentadas nos livros didáticos. Uma prática docente que não se restrinja a pensarmos o problema com os estudantes, mas também refletirmos e buscarmos alternativas das quais alcançaríamos melhorias naquele contexto.

Conforme dados do IBGE, o município de Canoinhas possui uma área de 1.145 km², sendo que destes, 1.115 km² são de área rural e apenas 30 km² são de perímetro urbano, o que nos mostra que Canoinhas é um município essencialmente rural. No entanto, segundo o censo 2010, a população de Canoinhas é de 52.765 habitantes, sendo que destes, 39.273 moram no perímetro urbano e 13.492 moram no campo. Desta forma, vemos uma inversão de dados, o que demonstra que o município de Canoinhas está dentro da realidade brasileira, ou seja, está ocorrendo o esvaziamento do campo e o aumento populacional no âmbito urbano.

A turma do 7º ano onde foi realizado o estágio é composta por 18 meninas e 10 meninos, totalizando 28 estudantes, com idade entre 12 e 14 anos. Na turma não há

nenhum estudante que requer educação especial. Estes educandos, em sua maioria são filhos principalmente de produtores de fumo, desta forma, como já verificado em pesquisa anterior³, há indicativos que o desejo de ir embora para a cidade é algo presente no município de Canoinhas refletindo outros contextos do campo brasileiro.

A comunidade escolar

A escola municipal atende ao Ensino Fundamental completo e possui uma extensão estadual⁴ para o atendimento ao Ensino Médio. Atualmente são quase 800 educandos, dentre esses, há os que necessitam de cuidados especiais, sendo assim, além dos professores há também uma equipe de estagiários e monitores que ajudam na formação dos educandos.

As escolas do campo de Canoinhas fazem parte do Programa de Educação do Campo, que é uma iniciativa do município em se inserir na política nacional de Educação do Campo. Esse Programa visa melhorar a qualidade da educação ofertada, buscando realizar um ensino voltado a realidade dos educando, aliando a teoria à prática, entretanto vale anunciarmos que ainda há muitas limitações para alcançar tais propósitos. Essa prática educativa é um avanço para a educação territorial, pois as questões sobre os espaços sócio-territoriais e os sujeitos do campo brasileiro vêm sendo deixados de lado, inclusive na educação.

Existe uma perspectiva da Educação do Campo em trabalhar a emancipação dos sujeitos, que oportuniza levantar discussões dentro do município. Entretanto ao considerarmos os diferentes Programas de Educação do Campo, observamos uma fragilidade no sentido da própria formação continuada dos professores, para qual é interessante que as instituições públicas de ensino se comprometam em realizar projetos de extensão e formação continuada permanente dos docentes que atuam no campo. Outro ponto interessante é a articulação e parceria entre as escolas, movimentos sociais e sindicatos.

³ Desde o 1º ano do curso, durante o Tempo Comunidade realizamos pesquisas de campo, que implicam em uma leitura da realidade, em aspecto social, político e econômico, onde neste relato algumas reflexões apresentadas são resultado destes momentos de inserção no campo de pesquisa.

⁴ Em Canoinhas há três escolas localizadas no campo que possuem uma extensão de uma escola estadual que fica localizada no centro. Desta forma, os estudantes do campo têm acesso ao nível médio de ensino sem precisar se deslocar para a sede do município.

Nesse contexto também se insere outra questão que se refere ao deslocamento (moradia-escola-moradia) que muitos professores precisam fazer diariamente, o que remete a outro aspecto que precisa ser repensado e envolve muitas contradições, o processo de nucleação das escolas. As escolas estão no campo para que os estudantes do meio rural não precisem deixar sua comunidade, se dirigindo ao perímetro urbano para estudarem. Assim temos um problema a ser debatido com mais consistência: alguns professores perdem muitas horas em deslocamento, por sua vez temos a mesma situação que é enfrentada por um grande número de estudantes quando a escola núcleo não é no campo⁵.

Isso nos faz refletir sobre a falta professores moradores no/do campo, onde vemos a necessidade de que as políticas educacionais se intensifiquem no sentido de incentivo a formação docente voltada ao campo, para que os estudantes do campo recebam uma formação de qualidade vinda de sujeitos que são inseridos naquele contexto, e que consigam dialogar com saberes do campo e os saberes científicos no contexto escolar. Paralelo a isso, há a necessidade de mais concursos públicos que permitam a efetivação de educadores, pois a rotatividade de professores às vezes faz com que o trabalho não tenha uma melhor execução.

Nessa realidade está inserida a escola em tela e os respectivos estudantes da turma de 7º ano, que tem em sua composição algumas semelhanças e diferenças, ao considerarmos a miscigenação e o quadro social e econômico, no qual cada educando se encontra, o que faz como que cada um seja único, mas ao mesmo tempo tenham marcas comuns consequentes das tantas contradições que marcam suas vidas e de suas famílias, o que demanda propostas educacionais comprometidas em lidar com essa dita diversidade.

O desejo da maioria dos estudantes é continuar os estudos, ingressar em universidades de renome, ter uma profissão bem remunerada. Porém, como já mencionado grande parte desses adolescentes não vêem o campo como um local que possa lhes trazer um futuro promissor, depositando então na migração uma fonte de realização pessoal. No entanto, como aponta Dalmagro e Santos (2012) grande parte dos sujeitos que vivem no campo não conseguem perceber a situação da qual estão inseridos, ou seja, não compreendem que a condição de classe oprimida existente no

⁵ Sobre a nucleação de escolas do/no campo há uma boa literatura que vem sendo produzida no Brasil, entretanto não aprofundaremos esse debate no espaço limitado desse trabalho.

campo, também é existente na cidade, onde as dificuldades principalmente financeiras podem continuar sendo um agravante.

Durante a experiência do estágio observamos que a realidade das comunidades é refletida na perspectiva de vida dos estudantes. Em conversas informais com os moradores, a afirmação de que vida no campo é sofrida, e que algumas vezes a miséria é um fato tem sido um argumento presente nas falas tanto daqueles que saíram quanto os que ainda permanecem, porém, apontando o desejo de sair do campo. Sendo assim, a grande maioria das pessoas que vivem no campo pensam que a migração é a única forma de escapar do trabalho penoso abaixo de sol e chuva, uma tentativa de mudar seu quadro social e econômico, uma forma de continuar os estudos, etc.

Tais afirmações estão relacionadas à condição de desumanização dos sujeitos do campo, que infelizmente não se dão conta de sua identidade cultural e modos de trabalho, ao mesmo tempo, não percebem o campo como um espaço sócio-territorial perpassado por conflitos econômicos, sociais e políticos, que precisam ser estudados e compreendidos. Desse modo, são importantes ações educativas que promovam um “deslocamento” desses sujeitos que ainda estão presos ao conformismo e a ideia do campo como um ambiente de sofrimento, poluído e destruído.

O estágio docência

Como já mencionado, a realidade do campo de Canoinhas está marcada pelo processo migratório campo/cidade, por esse motivo entendemos como uma necessidade trabalharmos dentro da escola, um ensino articulado por discussões pertinentes a população e seus principais problemas. Conforme orientação neste semestre (6ª fase), durante a realização do 1º Tempo Comunidade, precisávamos identificar e selecionar as falas significativas da comunidade escolar, para que assim pensássemos em um estágio que buscasse trazer alternativas para a questão problema. Conforme afirma Freire, (2011, p. 119-120). “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo pragmático da educação ou da ação política”.

Dessa forma, a principal problemática observada nas comunidades foi à questão da produção e venda de fumo. A oscilação em relação ao preço do fumo, onde, os produtores não sabem se o que irá sobrar no final da safra será suficiente para sobreviver minimamente bem até a próxima produção, e essa incerteza de renda e

desvalorização do produto em algumas safras faz com que o desejo de muitas famílias em deixarem o campo de Canoinhas se torne um fato.

As reflexões frente às situações vividas e observadas ao longo dos vários “Tempos Comunidade”, foram instigadoras e balizadoras para o planejamento do estágio, particularmente ao pensarmos uma forma diferenciada de abordar conhecimentos matemáticos e das ciências da natureza balizados por uma questão de fundo - dialogar e refletir sobre outras possibilidades de trabalho no campo, garantindo os princípios de sustentabilidade e renda. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. (FREIRE, 2011, p.108).

Por essa razão foram tomados como referência os seguintes autores que dialogam com as ideias de Paulo Freire e apresentam uma proposição para a atuação docente em sala de aula, sob os princípios da dialogicidade e problematização, os três momentos pedagógicos, são eles Delizoicov; Angotti; Pernambuco (2011), os quais ressaltam a importância da articulação entre os princípios da educação crítica e emancipatória, as quais vêm ao encontro dos princípios que pautam a Educação do Campo.

[...] a abordagem dos conhecimentos científicos é o ponto de chegada, quer da estruturação do conhecimento pragmático quer da aprendizagem dos alunos, ficando o ponto de partida com os temas e as situações significativas que originam, de um lado, a seleção e organização de conteúdos, ao serem articulados com a estrutura do conhecimento científico, e, de outro, o início do processo dialógico e problematizador. (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2011, p. 194).

O desafio se colocou na construção de outra abordagem, sob uma concepção crítica de educação, que toma como ponto de partida a problemática, que emerge do diálogo com a comunidade escolar. Principalmente se considerarmos que a experiência do estágio se insere de forma parcial no cotidiano escolar, no sentido que é vista como algo reduzido à inserção em sala de aula (12 horas/aula de Matemática e 12 horas/aula de Ciências da Natureza), ou seja, um curto tempo para realizar um trabalho que necessita de amplo estudo e reflexão e envolvimento de um coletivo, acrescido do fato que os planos de aula deveriam atender os conteúdos previstos pelos professores titulares das disciplinas na turma em foco.

Os três Momentos Pedagógicos “[...] são um dos organizadores utilizados para garantir uma prática sistemática do diálogo” (PERNAMBUCO, 2002, p. 33), assim a aproximação das aulas, sob esses organizadores buscou uma possibilidade de minimização da fragmentação dos conteúdos escolares, e a aproximação de um trabalho pedagógico por tema, mas ainda pontual com o caráter de eixo temático como orientador da prática docente.

O tema das aulas foi “A renda das comunidades e suas possibilidades de inovação”, para tal foram trabalhados os conteúdos programáticos porcentagem e regra de três simples em Matemática; e reino fungi e reino monera em Ciências da Natureza.

O 1º momento desenvolvido no estágio foi o da Problematização Inicial:

[...] Organiza-se esse momento de tal modo que os alunos sejam desafiados a expor o que estão pensando sobre as situações. Inicialmente, a descrição feita por eles prevalece, para o professor poder ir conhecendo o que pensam. [...] é fazer com que o aluno sinta a necessidade da aquisição de outros conhecimentos que ainda detém, ou seja, procura-se configurar a situação em discussão como um problema que precisa ser enfrentado. (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011, p. 200 e 201).

A aula foi iniciada problematizando o lado romântico existente no campo que estava presente em uma música. “Acorda ligeira e vem olhar que lindo. Sobre o morro o sol se debruçar. Leite novo espuma dessa madrugada. Passarada vem te despertar”⁶. Foi ouvida a música e realizada uma atividade em duplas pelos educandos, que receberam as frases da música, para reescrevê-las relatando o que aquelas palavras tinham haver com o contexto do qual eles estavam inseridos, ou seja, como eles se viam diante de sua realidade no campo.

Após o término da atividade, houve um momento de diálogo, onde trabalhamos questões da vida no campo. Esse foi um espaço em que os educandos puderam trazer seu saber acumulado, sua bagagem de vida, que permitiu analisarmos seus posicionamentos mediados pelos questionamentos propostos. Como menciona Pernambuco (1993, p. 32) “É o momento da fala do outro [...], provocando-os para mergulharem na etapa seguinte”.

O 2º momento chamado de Organização do Conhecimento requer ações educativas que reorganizem o conhecimento.

⁶(Trecho retirado da música Acontecência de Cláudio Nucci).

Os conhecimentos selecionados como necessários para a compreensão dos temas e da problematização inicial são sistematicamente estudados neste momento, sob a orientação do professor. As mais variadas atividades são então empregadas, de modo que o professor possa desenvolver a conceituação identificada como fundamental para uma compreensão científica das situações problematizadas. (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011, p. 201).

O desenvolvimento durante a organização do conhecimento se deu por meio de jogos que envolveram problemas matemáticos, buscando trazer os conceitos de uma forma dinâmica. Além desse, houve a cultura de bactérias, textos que trouxeram a questão histórica dos conteúdos buscando uma educação dialógica.

Houve uma saída de campo com a participação reduzida de quatro estudantes que representaram a turma e depois socializaram a experiência com os demais educandos. Nossa visita de campo foi em uma propriedade diferente da realidade dos educandos. Nesta propriedade ao invés de encontrarmos a produção do fumo, nos deparamos com plantações de pêssogo, amora preta, maçã, produção de mel, etc. A atividade proporcionou aos educandos conhecer alternativas possíveis, assim como se aproximarem de outras práticas que ainda tem dificuldades, mas também muitos aspectos positivos por se tratar de um investimento em novas culturas.

Buscamos propiciar diferentes atividades e a abordagem dos conceitos discutidos, com o intuito de contribuir com outros modos possíveis de olhar aos estudantes para que realizem a leitura da sua própria realidade. Pois entendemos que as aulas no contexto escolar devem ser voltadas a uma formação que ultrapasse a memorização mecânica de uma lista de conteúdos, buscando uma formação humana, histórico-crítica do coletivo de sujeitos, ou seja, que:

[...] sejam instigados a refletirem tanto sobre suas práticas pedagógicas quanto sobre o contexto social, político, cultural e econômico da região, no sentido de construir uma educação que esteja em sintonia com os valores e os saberes das comunidades, suas necessidades e sonhos. Uma educação que seja capaz de desenvolver uma visão crítica acerca dos problemas vivenciados pela população e que aponte alternativas voltadas para a melhoria da qualidade de vida da população. (LIMA; MENDES, 2009, p. 93-94).

O terceiro e último momento foi a Aplicação do Conhecimento, o qual:

Destina-se, sobretudo, a abordar sistematicamente o conhecimento que vem sendo incorporado pelo aluno, para analisar e interpretar tanto as situações iniciais que determinaram seu estudo como outras situações, que embora não estejam diretamente ligadas ao motivo inicial, podem ser compreendidas pelo mesmo conhecimento. (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2011, p. 202).

Nesse momento foi retomado o ponto de partida, pois a proposta seria olharmos novamente para a realidade, agora se possível sob outra óptica, com uma condição de re-significá-la. Isso reforça que a educadora precisa perceber que este é o momento de se reescrever falas significativas tomadas no início do trabalho educativo, auxiliando os estudantes a olhar para a realidade em foco e perceberem as contradições que eles não percebiam anteriormente.

Quando foi iniciado o estágio com a atividade problematizadora utilizando a música, fizemos uma primeira aproximação de como esses sujeitos se vêem no campo, a continuidade das aulas buscaram contribuir com elementos conceituais que favorecessem outra condição de percepção ou de outro modo de olhar e identificar as contradições que permeiam a realidade do campo. Considerando a característica do 3º momento, o importante era observarmos se havíamos conseguido efetivamente fazer com que os educandos tivessem uma melhor compreensão e leitura da realidade, onde estão inseridos.

A atividade consistiu na composição de paródia de uma música escolhida pelos grupos de estudantes, com o objetivo de tomar como referência a análise da letra da música trabalhada na primeira aula e também rever as frases reescritas pelos mesmos. Feito isso seria necessário trazerem sua realidade na nova composição musical, contemplando as reflexões sobre os desejos se gostariam ou não de permanecer no campo. Abaixo trarei alguns trechos das músicas compostas pelos educandos.

“Eu nasci no meu campo feliz, bem distante da poluição. Onde ali vivo até hoje, como meu pai minha mãe e os irmãos. Nossa casa é uma casa verde, na encosta de um gramadão.” (Trecho da música Meu Campo Feliz).

“Para o meu futuro eu vou dizer pra vocês agora, quero que o campo fique rico e bem preservado. Mas com as ações do homem ele vai virar apenas um banhado. Já tô querendo morar na cidade, só tô com 16 nem sou maior de idade. Quero me empregar e fazer faculdade”. (Trecho da música Amigo do Campo).

“Mesmo que você conheça outra casa, mesmo que você more em outra casa. E depois de seis meses olhe pro campo e pra cidade e aí pois é, sei lá. [...] Um dia vai sentar numa cadeira de balanço, vai lembrar do tempo que morava no campo.” (Trecho da música Te esperando no Campo).

Ao analisarmos a atividade percebemos que as músicas estão marcadas pelo pensamento nostálgico, onde percebemos que a vontade de continuar os estudos, de ir morar na cidade ainda é bastante forte. Observamos que ainda há a visão de encantamento e uma visão romantizada com relação ao espaço do campo, ou seja, alguns sujeitos ainda não conseguem perceber os conflitos existentes na área rural, não percebendo e valorizando sua identidade cultural, assim como não identificando as contradições que levam às desigualdades sociais e econômicas tão presentes e conflituosas no campo, em particular pelo direito a terra e o trabalho digno e qualidade de vida dos próprios agricultores.

Para quem vive os problemas das cidades, o campo pode parecer encantador: com contato com a natureza, uma vida sossegada, mais distante da violência encontrada nos grandes centros urbanos. Entretanto, para quem vive lá, nem tudo é perfeito. (DALMAGRO; SANTOS. 2012).

Após a apresentação da música foi realizada uma conversa sobre as questões que abrangem a vida no campo, dentre os estudantes, apenas dois mencionaram que pretendem continuar vivendo no campo, os demais disseram que querem ir embora para a cidade para estudarem, terem acesso a lazer, internet, qualidade de vida, etc. Contudo vale ressaltar que essa atividade do modo como se inseriu nas atividades do estágio e pelas marcas dos modos de avaliação condicionados a um produto com nota, tal atividade acabou sendo vista pelos estudantes como uma “prova final”, o que provocou certo esvaziamento do que efetivamente se propõe o terceiro momento como organizador de uma prática educativa crítica e emancipatória.

Tendo visto que durante todo o processo e diálogo do estágio, a concepção de que a vida na cidade é melhor permaneceu predominando nas falas, marcadas por um entendimento alienado que seus desejos de realização pessoal são impossíveis caso permaneçam no campo. Sabemos que para a vida da população do campo melhorar realmente, há a necessidade de políticas públicas efetivas que favoreçam a iniciativa de projetos que façam a diferença no que se refere a renda e qualidade de vida da população do campo. Porém, como menciona Freire “Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-lo a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” (FREIRE, 2011, p. 120).

Considerações finais

De acordo com o relato dessa experiência de estágio, esperamos ter evidenciado que houve a intencionalidade de apresentar novas possibilidades de rendas para as comunidades, fazendo com que os estudantes percebessem que a plantação de fumo não é a única alternativa. Assim como foi pautado por atividades que trabalharam as relações entre o desejo de migração e a questão da renda, considerando que esta foi apontada como o principal motivo do abandono do campo. Sabemos da forte dependência entre a produção no campo e os produtos do campo disponíveis e acessíveis a alimentação de quem vive na cidade, por isso entendemos que é imprescindível que as escolas comecem a trabalhar estas questões problemáticas e as desigualdades existentes nas comunidades, com o intuito de tentar diminuir o processo migratório.

Ao longo das atividades, percebemos o quanto foi importante a questão de instigá-los a serem críticos, fazendo com que os mesmos expusessem suas opiniões e ainda o quão importante é trabalhar questões políticas, sociais econômicas, para além do ensino de conteúdos programáticos pontuais, pois com o passar do tempo e a continuidade de tais discussões, apostamos na mudança de posição dos estudantes diante das questões apresentadas, o que nos inclui nesse processo como educadoras e também aprendizes.

A experiência de planejar e realizar as aulas, sob a perspectiva freireana, pautada pela organização dos três Momentos Pedagógicos foi trabalhosa, porém o esforço em realizar tal aproximação entre teoria e prática foi o grande desafio, pois houve a intencionalidade de trabalharmos o contexto e a realidade da qual esses educandos

estavam inseridos. O contato dos estudantes com novas alternativas de renda, uma perspectiva mais politizada, um espaço em que tratamos não apenas questões conceituais de matemática ou ciências, mas sim de questões das quais suas vidas eram pré-determinadas, em nosso ponto de vista, foi muito coerente diante a base teórica da qual as aulas foram desenvolvidas.

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres do mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tao mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a torna-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (FREIRE, 2011, p. 98).

O fato das famílias não terem muito conhecimento sobre como diversificara produção de suas terras, e a incerteza sobre a comercialização de outros produtos leva ao medo de investirem, onde acabam por falta de conhecimento e principalmente incentivo, deixando o campo. Se não houver com urgência apoio governamental e incentivo a permanência do pequeno agricultor, o campo se tornará apenas um espaço de produções de larga escala, ou seja, o agronegócio tomará conta das propriedades. Dessa forma, o pequeno produtor será expulso do campo. Por sua vez os educandos vêem o sofrimento de seus pais diariamente, onde os mesmos os incentivam a estudarem para que não passem pelo que eles estão passando, o que foi explicitado durante nossos diálogos.

Diante de todas as circunstâncias apresentadas, evidenciamos a complexidade que envolve a temática, da qual nos propusemos dialogar durante a experiência do estágio. Desse modo terminamos essa etapa com mais indagações do que respostas, entretanto acreditamos que a escola não pode se omitir de sua principal finalidade que é favorecer a apropriação de conhecimentos científicos significativos que favoreçam uma tomada de posição crítica e emancipatória de seus educandos e também educadoras. Ou seja, que a Educação do Campo contribua a debulhar as contradições contidas no verdadeiro significado quando os agricultores cansados do trabalho penoso na roça, vêem como única alternativa venderem suas pequenas propriedades e migrarem para o perímetro urbano, assim dito pelos próprios “tentar a sorte”.

Referências Bibliográficas

DALMAGRO, Sandra L.; SANTOS, Marisa C. **Quais são as perspectivas dos jovens do campo de Canoinhas/SC?** 2012. (mimeo)

DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J, A; Pernambuco; M, M. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos**; colaboração Antônio Fernando Gouvêa da Silva. – 4. ed.— São Paulo: Cortez, 2011- (Coleção Docência em Formação/ coordenação: Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta). p. 173-298.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LIMA. Elmo de S.; MENDES SOBRINHO, José A. de C. Formação Continuada de professores no contexto do Semiárido: Um diálogo com a pedagogia freiriana. In: **Caderno Multidisciplinar** - Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro: Múltiplos espaços para o exercício da contextualização. Juazeiro/BA. n 5. ano 4. 2009. p. 85-104

PERNAMBUCO, Marta M. C. A. Quando a Troca se estabelece. In: PONTUSCHKA, Nidia. N. **Ousadia no Diálogo: Interdisciplinaridade na Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 19-35.